

Autores de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes

PREFÁCIO

O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes de nossa vida. Deveriam também governá-la.

(Wilhelm Reich)

Este livro, fruto de uma pesquisa de mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Goiás realizada por Karen Michel Esber, tem como gênese o Projeto Invertendo a Rota, desenvolvido em Goiânia sob a coordenação do Dr. Benedito Rodrigues dos Santos.

A meu ver este estudo expressa a intersecção de três dimensões: os estudos da Psicologia Social Crítica no Brasil; o acúmulo dos estudos, intervenções, defesa e prevenção das situações de violência contra crianças e adolescentes desenvolvidos pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (vinculado ao Instituto Dom Fernando – Especializado nas Temáticas da Infância, Adolescência, Juventude e Família da Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil – Cepaj/IDF/Proex/UCG) nos últimos vinte e cinco anos (1983 a 2008); e a capacidade intelectual da Karen na tessitura deste estudo.

A Psicologia Social Crítica brasileira (aqui refiro-me deliberadamente às contribuições dadas pela professora Sílvia Lane e seus seguidores) no final dos anos 70 do século passado colocou-se de forma interrogativa em face da realidade nacional e do papel da ciência no processo de transformação desta realidade. As consequências teórico-metodológicas desta opção ético-política foram inúmeras. Dentre elas destaco os estudos que priorizaram as dimensões de exclusão/inclusão social enfrentados por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e, em especial, as que viviam/vivem situações de violência (física, psicológica e sexual).

Em âmbito local o Núcleo de Pesquisa da Infância, Adolescência e Família (NIAF), vinculado ao Departamento de Psicologia da UCG, tem, desde 1999, somado esforços multidisciplinares para o estudo da violência que perpassa o cotidiano de crianças, adolescentes e famílias goianienses. Esta pesquisa é expressão desse compromisso.

Quanto à segunda perspectiva, destaco o esforço coletivo dos profissionais que atuam no Cepaj no sentido de trazer para si a responsabilidade do enfrentamento e desvelamento de uma temática tão fundamental na sociedade contemporânea, que é a violência contra crianças e adolescentes.

Em terceiro lugar, sem o esforço, o compromisso e a capacidade intelectual da Karen certamente este estudo não se teria realizado. Karen exercitou com maestria e muita maturidade o que Wrigth Mills denominou “artesanato intelectual”. Ou seja, confirmou na prática que a pesquisa na área de ciências sociais e humanas requer do pesquisador muito mais que aspectos formais, requer criatividade, capacidade inventiva e sagacidade para buscar os nexos daquilo que aparentemente está dado, mas que visto com mais profundidade pode revelar exatamente o contrário da aparência.

Lembro-me que, nos nossos primeiros encontros de orientação, Karen afirmava que seu trabalho estava praticamente pronto, visto que trabalhava com o tema há algum tempo e que já tinha a pesquisa realizada (referia-se às sessões clínicas que haviam sido gravadas no processo de atendimento dos autores, por meio do Projeto Invertendo a Rota).

O meu primeiro esforço foi no sentido de romper essa falsa verdade e explicar a ela que, entre o material empírico que estava gravado (que na pesquisa foi tido como documento a ser pesquisado a partir da Psicologia Social) e a exposição final, haveria um longo percurso a ser empreendido. Percurso que passava, por exemplo, pela definição do objeto de estudo; pela necessidade de complementar o material empírico que estava parcialmente transcrito; pelo levantamento bibliográfico da literatura internacional (e descobrir que havia, sim, uma vasta literatura sobre o tema) etc.

Entre idas e vindas Karen assumiu, com muito compromisso e responsabilidade, a tarefa de “desvelar” os sentidos e os significados de violência para os autores de violência sexual (AVS) sentenciados. Certamente que transcrever, ouvir, ler, reler os relatos de vida e as descrições das situações de violência vividas e praticadas pelos AVS foi um processo extremamente extenuante e doloroso para Karen (e mesmo para mim). Tenho certeza de que tal tarefa, apesar de difícil, como disse anteriormente, é profundamente necessária. Desde o início o que nos moveu e nos move na realização de pesquisas e/ou atendimentos psicoterápicos a AVS é a convicção de que esta ação é fundamental como subsídio para o estabelecimento de políticas públicas de prevenção à violência sexual, para a definição e articulação de estratégias e para a construção de metodologias de proteção a crianças e adolescentes.

A banca de defesa, constituída pelas professoras Anita C. Azevedo Resende (UCG) e Wanda Maria Junqueira Aguiar (PUC-SP) foi extremamente elogiosa ao trabalho desenvolvido e destacou, de modo unânime, o rigor científico, a qualidade do texto e as contribuições por ele dadas à Psicologia Social Crítica e ao estudo da subjetividade de AVS.

Coube a mim, neste processo, o privilégio de orientar a autora desta pesquisa (e de aprender muito com ela). E o fiz imbuída do lugar teórico-metodológico que ocupo no campo da Psicologia Sócio-Histórica e da opção profissional de ter na extensão universitária o meu lócus de ação/reflexão. No meu entender esses dois aspectos se complementam e possibilitam rupturas fundamentais em relação às concepções tradicionais postas pela Psicologia entre indivíduo/sociedade, interno/externo, objetivo/subjetivo, quantitativo/qualitativo etc.

Penso que este árduo, bonito e necessário trabalho realizado por Karen Esber contribui sobremaneira para a compreensão das dimensões subjetivas dos AVS e, como consequência, possibilita-nos pensar sobre ações preventivas que podem ser desenvolvidas no âmbito da família, da escola e da sociedade no sentido de preservar crianças e adolescentes de situações de violência e subjugação humana.

Chama particularmente a atenção, no estudo empreendido, o fato de esses três sujeitos (Henrique, Pedro e Renato) terem sido, eles também, vítimas de violências sexuais na infância, sendo, portanto, repetidores do “ciclo de violência”.

Este talvez seja o desafio maior sobre o qual o grupo de pesquisadores do Cepaj/IDF (Karen faz parte deste grupo) debruça-se neste momento: poderia o processo psicoterápico auxiliar na quebra deste “ciclo de violência”? Quais são as marcas da violência sofrida na infância que possibilitaram a emergência de uma subjetividade violenta? E, mais grave ainda, que sociedade é esta que possibilita a emergência de sujeitos com esse tipo de subjetividade?

Certamente, as respostas não virão rapidamente e nem serão definitivas. Mas este também é, ao meu ver, o papel da ciência: tentar desvelar as dimensões que não somos capazes de ver a “olho nu”. Reafirmo também que esta tarefa, pela sua complexidade, não pode ser realizada apenas por uma pessoa, exigindo a participação e o comprometimento de muitos. Trata-se de um trabalho a ser feito a muitas mãos, o qual, por isso mesmo, requer muita disponibilidade afetiva e muita capacidade de trabalhar em grupo. Penso que o que deve nos unir é o

compromisso de construção de relações humanas em que crianças e adolescentes sejam respeitados fundamentalmente como “sujeitos humanos”, merecedores de cuidado, atenção, zelo, amor, afetividade, respeito.

É necessário também afirmar que o estudo deste objeto, por expressar dimensões sócio-históricas, requer que não esqueçamos as expressões de classe social, gênero, classe de idade (relação entre adultos e crianças), raça/etnia na análise a ser empreendida.

Por fim, deixo o convite à leitura do livro. Certamente, ele será capaz, por si só, de dizer muito mais do que foi possível dizer até aqui.

Sônia M. Gomes Sousa